

Mais Uma Vez - Luanda

RUBEM BRAGA

AINDA uma vez suspendo as declarações do barbudo Fidel a «Playboy» para voltar a Luanda.

De lá nos vem uma declaração do almirante Murilo do Vale e Silva, comandante da força-tarefa brasileira. Como apareceu no «Correio da Manhã», em telegrama da AP, essa declaração é contraditória. Teria dito o almirante que a visita das unidades da Marinha de Guerra do Brasil a Angola «não teve objetivos políticos, já que a maioria dos brasileiros é solidária com os rumos tomados pelos portugueses na África».

Custa-me acreditar que o almirante tenha dito um nonsense tamanho, e prefiro imaginar algum erro de transmissão ou redação. Mais adiante o almirante esclarece que «a escolha da vinda a Angola foi proposta minha que teve a imediata e inteira concordância do Governo brasileiro», acrescentando que «o ministro da Marinha deixou a meu critério: Norte, Centro ou Sul da África».

Segundo essa versão, não teria havido nenhum convite prévio de Lisboa para essa visita. A idéia teria sido mesmo do almirante Vale e Silva. E este acha que a visita não tem nada de política. Como aquele simpático personagem de Molière que fazia prosa sem o saber, o nosso almirante estaria, nesse caso, fazendo política sem desconfiar.

Tôda a imprensa portuguesa abre manchetes sobre essa visita, e o jornal «Novidades», em editorial de primeira página a considera «mais do que uma vitória da diplomacia portuguesa», uma conquista do sangue lusitano espalhado pelo Brasil e pela África». Acres-

centa o jornal que essa visita «marca o início de uma nova etapa na integração da comunidade luso-brasileira», e de suas circunstâncias diz serem «realidades novas no panorama africano que se projetarão no futuro como fatores operantes».

O «Diário da Manhã», de Lisboa afirma que «navios da Marinha do Brasil, de hoje para o futuro, virão mais vezes ao Ultramar Lusitano».

Tudo isso e aquela ridícula parolagem de «Marem Nostrum» feita em banquete pelo almirante português Reboredo é, se não me engano, política. Política foi o que viram nessa viagem os embaixadores africanos acreditados no Brasil e os chefes dos movimentos de emancipação angolana. Só o nosso cândido almirante Vale e Silva não descobre essa implicação política de seu passeio naval.

Seria o caso de determinar que os almirantes consultassem o Itamarati antes de traçarem o roteiro de nossos navios de guerra no exterior. Seria o caso, mas, no momento, não é: com um ministro do Exterior que viaja o mundo inteiro em vão, e um secretário-geral de tendências notoriamente fascistas, a coisa não seria melhor.

Fala-se da nomeação do sr. Magalhães Pinto para o Ministério do Exterior. Tomara que seja ele, ou alguém de sua formação. O Ministro do Exterior não precisa ser técnico em política internacional e muito menos em usanças diplomáticas. Deve ser, entretanto, um homem político de mentalidade arejada, capaz de seguir e traçar uma política sensata de defesa e promoção dos interesses do Brasil. Alguém que pelo menos restaure, no consenso internacional, o nome de nosso país, como o de uma nação independente, de certo peso, capaz de influir, na medida de suas forças e de sua habilidade, no debate dos problemas do mundo.

Nestes três últimos anos temos feito apenas um papel: o de paspalhão. E chega de paspalhice.

12/2/64